

CAPÍTULO 14

MUSICALIZAÇÃO E LUDICIDADE COMO ALIADAS AO TRABALHO PEDAGÓGICO NA PRÉ-ESCOLA

Mônica Gonçalves da Silva

Hildegard Susana Jung

1 INTRODUÇÃO

Devemos entender que não é copiando lições, memorizando informações ou repetindo conteúdos que o professor irá conseguir ensinar o educando, pois o verdadeiro conhecimento é obtido através da troca de saberes. O aluno aprende quando, pela própria ação, reflexão e associação cria pensamentos e hipótese, assim construído o conhecimento. A criança é considerada um indivíduo que possui experiências, saberes e conhecimentos que, geralmente, não foram ensinados só pelo educador, mas construídos por ele, por meio da interação social, diante de novos desafios, que o ajudam a compreender e assimilar o contexto no qual está inserido. Como afirma Siqueira (2005, p. 21) “O educando é o agente principal da aprendizagem. Não existe educação, aprendizagem ou instituto de ensino sem ele.” Assim, o professor deve realizar em seus planejamentos das atividades pedagógicas de forma a possibilitar ao educando que exponha seu lado criativo, afetivo e social, para o desenvolvimento do conhecimento.

O conhecimento novo aparece como resultado da ampliação, diversificação e aprofundamento do conhecimento que já se detinha. Assim, ao refletir sobre a importância de um trabalho pedagógico, desenvolve diferentes habilidades e competências. De acordo com o Referencial curricular nacional para a educação infantil, “a música como um meio de expressão e linguagem, possibilita que a criança comece a ampliar suas expressões, do equilíbrio, da autoestima e do autoconhecimento, além de um poderoso meio de interação” (BRASIL, 1998).

A ludicidade, por sua vez, é uma forma de desenvolver o cognitivo e a criatividade das crianças, por meio de músicas, danças e jogos, ou seja, aprende-se interagindo com o meio de forma descontraída. Júnior (2005) esclarece que o significado de ludicidade surge da própria palavra relacionada à liberdade, criatividade, imaginação, participação, interação, autonomia, além de outras qualificações que podem ser atribuídas a uma infinita riqueza que há nela mesma. Assim, as atividades musicais que são realizadas em sala de aula não têm como objetivo formar músicos, mas sim, proporcionar um melhor desenvolvimento intelectual, cognitivo, social facilitando a expressão de emoções.

Pensar em novas maneiras de auxiliar o aprendizado requer um constante trabalho dos professores realmente comprometidos com a educação e com a qualidade de ensino, buscando novas estratégias, para que assim o trabalho possa acontecer. De acordo com Teixeira (1995, p. 23), “[...] o ser que brinca e joga é, também, o ser que age, sente, pensa, aprende e se desenvolve”.

O presente artigo, portanto, tem como objetivo discutir sobre a importância da utilização de brincadeiras, jogos e músicas no processo pedagógico pré-escolar. A metodologia empregada para a sua realização é de cunho qualitativo, a partir da coleta de dados na literatura pertinente.

Após esta breve introdução, apresentamos com mais detalhes a metodologia da pesquisa e, na sequência o referencial teórico, no qual relacionamos autores que possuem diferentes visões sobre o tema proposto. Logo após, desenvolvemos um diálogo entre os pensamentos dos autores com a proposta representada neste artigo.

O mesmo é concretizado com a junção das teorias e propostas constatadas ao longo da pesquisa realizada, destacando a importância do tema no âmbito da educação infantil, para o desenvolvimento cognitivo e social da criança. Fecham o estudo a análise e discussão dos dados, as considerações finais e referências que embasaram a pesquisa.

2 METODOLOGIA

O presente artigo adota a metodologia qualitativa, pois ela se caracteriza por desenvolver o estudo de fenômenos que envolvem seres humanos e suas relações sociais, que ocorrem em diversos ambientes. Os pesquisadores que utilizam esta metodologia têm como foco buscar explicar o porquê das coisas, denominando o que convém ser feito. Para a realização da pesquisa é necessário ter em mente que o estudo vai considerar todos os pontos de vista relevantes. Neste sentido, descreve Creswell (2007, p. 18):

Os Métodos quantitativos envolvem os processos de coleta, análise, interpretação e redação dos resultados de um estudo. Existem métodos específicos tanto nas pesquisas de levantamentos quanto nas de experimentos que estão relacionados à identificação de uma amostra e de uma população, à especificação da estratégia de investigação, à realização da coleta e análise de dados, à apresentação de resultados, à elaboração de uma interpretação e da redação de um relatório de modo apropriado para um levantamento ou estudo experimental.

Este modelo de pesquisa é um dos mais utilizados entre as ciências sociais, por permitir ao pesquisador uma direção específica dentro do fenômeno pesquisado. Além disso, é empregado em processos de interpretação de dados coletados por meio de entrevistas e observações realizadas, sendo eles dados simbólicos que fazem parte de um determinado contexto diretamente ligado a um indivíduo. De acordo com Martins e Bicudo (1994, pág. 58): “A possibilidade de descoberta genuína é mantida na busca sistemática de significados, o procedimento é descritivo e interpretativo-

Para este estudo, seguimos os passos de uma pesquisa científica determinados por Gil (2008), o qual recomenda que para a realização de uma investigação bem sucedida há um processo de etapas que devem ser seguidas: a escolha de um tema; o levantamento bibliográfico preliminar; a formulação do problema; a elaboração do plano provisório de assunto; a busca das fontes; a leitura do material; o fichamento; a organização lógica do assunto; e redação do texto.

Neste sentido, em cada uma das fases foi tomado extremo cuidado, como demonstramos na sequência: a) escolha do tema: buscamos eleger um tema com o qual houvesse identificação por parte da autora-pesquisa, o que também é aconselhado por Minayo (2001); b) Realização de pesquisa, interligando diferentes autores; c) Diálogo entre os pensamentos com outros autores e d) Resultados obtidos através da pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O desenvolvimento cognitivo da criança

Para obter uma compreensão da importância da música no âmbito escolar é necessário entender como ocorre o processo de ensino e aprendizagem dos educandos. De acordo com a teoria histórico-cultural, para que ocorra o desenvolvimento das funções mentais superiores é preciso criar uma dimensão cultural-interativa, que promova o desenvolvimento singular de cada pessoa, ou seja, através da aprendizagem impulsionando o desenvolvimento. De acordo com Oliveira (1997, p. 33),

[...] o processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possível, atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo.

A teoria histórico-cultural ainda propõe que o desenvolvimento cognitivo não está ligado a um estágio educativo, mas sim às experiências vividas a partir da interação com o meio e os indivíduos que fazem parte dele. As pesquisas desenvolvidas por Vygotsky proporcionaram um novo paradigma sobre o papel educacional das atividades realizadas na evolução do processo intelectual da criança. Como escreve Vygotski (2002, p. 40) “Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social”.

A visão Vygotsky enfatiza dois elementos cruciais para o desenvolvimento da criança: o de formação social (no qual as funções psicológicas superiores introduzem novas modalidades de pensamento) gerando mecanismos capazes de encaixar simbolicamente os conceitos, relacionado um com os outros, e o da via dupla de desenvolvimento (no qual está interligado com o real e o potencial desenvolvido). De acordo com Vygotski (1995, p. 150),

[...] toda função entra em cena duas vezes, em dois planos, primeiro no plano social e depois no psicológico, ao princípio entre os homens como categoria intersíquica e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica” descortinou novos horizontes ao estudo da gênese social do referido desenvolvimento.

Portanto, pode-se considerar que o indivíduo internaliza desde o nascimento o conteúdo cultural de um grupo social, gerando um processo de interatividade, com atuação no meio social, criando novas necessidades e possibilitando o impulso ao desenvolvimento deste indivíduo de diferentes formas. Estas maneiras serão: atenção, percepção e memória. No desenvolvimento do indivíduo são essenciais os contatos com outras pessoas para a construção de novos conceitos. O outro acaba tornando-se significativo para a criança que está no auge do seu desenvolvimento. Uma vez assumindo o papel de comparação, possibilita o surgimento e formulação de hipóteses, canalizando ideias acerca desses laços constituídos, transformando um processo interpessoal em um processo intrapessoal.

Primeiro no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). Isso se aplica igualmente para atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos (VYGOSTKI, 1998, p. 75).

As funções psicológicas superiores surgem dos comportamentos socioculturais do ser humano, no qual estão ligadas as situações coletivas, geradas por meio da interação com outras pessoas e pela mediação de instrumentos técnicos, criados e compartilhados por membros da sociedade no qual o indivíduo está inserido. Assim, é possível apontar que o sujeito é um elemento ativo no processo de construção do seu conhecimento pois, conforme estabelece relações e se comunica, desenvolve-se cultural e socialmente, constituindo-se como indivíduo ativo. De acordo com Vygotsky,

A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré-história, de suas raízes biológicas, e de seu arranjo orgânico. As raízes do desenvolvimento de duas formas fundamentais, culturais, de comportamento, surge durante a infância: o uso de instrumentos e a fala humana. Isso, por si só coloca a infância no centro da pré-história e do desenvolvimento cultural (1998, p. 61).

Para compreender melhor a relação entre o processo de aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, Vygotsky gera a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD). Esta consiste em analisar o nível atual de desenvolvimento da criança determinado pela sua capacidade de resolver situações-problema individualmente e o nível de desenvolvimento potencial no qual consiste no que a criança ainda não consegue realizar sozinha. Ou seja, necessita de ajuda de um adulto ou um grupo de indivíduos para concretizar seu objetivo, no qual futuramente poderá desenvolver sozinho com a vinda de seu amadurecimento. A ZPD é um parâmetro na atuação pedagógica por desencadear um processo de modificação, construção e diversidade dos esquemas de conhecimentos definidos pela escola. De acordo com Paula (2009, p. 51),

A Zona de desenvolvimento proximal, por sua vez, abrange todas as funções e atividades que a

criança ou o aluno consegue desempenhar apenas se houver ajuda de alguém. A pessoa que intervém para orientar a criança pode ser tanto um adulto (pais, professor, responsável, instrutor de língua estrangeira) quanto um colega que já tenha desenvolvido a habilidade requerida.

O aprendizado cria diversas zonas de desenvolvimento proximal, por gerar vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente com a interação entre pessoas em seu ambiente e quando a cooperação com seus companheiros. Assim, a escola se torna um local de amadurecimento e desenvolvimento do educando. A autora Bissoli (2005, p. 223) destaca que “[...] o bom ensino é aquele que se adianta e conduz o desenvolvimento, incidindo sobre aquelas capacidades em formação, sobre a zona de desenvolvimento próximo”. Assim, demonstra a importância de levar em consideração os interesses e curiosidades da criança e também de estar organizada, de modo a aumentar as possibilidades cognitivas em cada período. Neste sentido, Bissoli (2005, p. 224) complementa: “É importante enriquecer a sua vida com o contato amplo com as diferentes formas de expressão humana e de conhecimentos: a pintura, a dramatização, a poesia, os contos, a montagem, a música, a leitura, a escrita [...] entre tantas outras possibilidades”.

É importante ressaltar que a ZDP foi criada com o intuito de desenvolver parâmetros para orientar as práticas educativas, mas não pode substituir um recurso de aprendizagem. Há três questões que devem ser consideradas. Primeiramente, que o processo educativo se volta para o aprendizado de um indivíduo que pode ou não realizar atividades sem o auxílio do outro. Segundo, que um aspecto essencial para uma situação educativa é a interatividade. E, terceiro, que sempre haverá uma relação temporal entre a ZDP e o tipo de situação de aprendizagem que se escolhe. De acordo com Vigotski (1998 p. 106),

[...] Um exemplo claro dessa abordagem é a teoria de Koffka, segundo a qual o desenvolvimento se baseia em dois processos inerentemente diferentes, embora relacionados, em que cada um influencia o outro - de um lado a maturação, que depende diretamente do desenvolvimento do sistema nervoso; do outro o aprendizado, que é, em si mesmo, também um processo de desenvolvimento.

Pode-se considerar a música um instrumento essencial para o desenvolvimento da criança tanto no campo social, cognitivo, intelectual e cultural por está interagindo diretamente com ZDP. A música estimula o convívio social, ajuda a desenvolver a fala, a interação com o meio que está inserido, a autoestima e o desenvolvimento integral da criança. De acordo com Teca de Alencar (2003, p. 35):

Os bebês e as crianças interagem permanentemente com o ambiente sonoro que os envolve e – logo- com a música, já que ouvir, cantar e dançar são atividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de diferentes maneiras [...] A criança é um brincante e, brincando, faz a música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. Fazendo música, ela, metaforicamente, transforma-se em sons, num permanente exercício: receptiva e curiosa, a criança pesquisa materiais sonoros, descobre instrumentos, inventa e imita motivos melódicos e rítmicos.

A música também é importante para transformar os meios de aprendizagem de uma forma mais lúdica e potencializadora da pesquisa (DEMO, 2011). Ela ajuda a aumentar a capacidade de concentração e memória, faz brotar a criatividade, a poesia, a inspiração, a sensibilidade e amplia o vocabulário das crianças com letras de palavras diferentes. De acordo com Breim e Neder (1996, p. 27), a aprendizagem da música como linguagem “é a única alternativa capaz de justificar a sua presença como inquestionável e insubstituível em uma formação integral do ser humano”. Assim, a música deve ser entendida como linguagem artística, importantíssima para a formação de ser humano em sua complexidade e globalidade.

3.2 Ludicidade na Educação Infantil

No ano de 1995 as creches passam a ser reconhecidas como um local que preza pelos direitos fundamentais das crianças, que são constituídos pelo direito de brincar, a atenção social, a alimentação saudável e ambiente aconchegante, estimulante e seguro. Assim, fica desconstruída a visão da creche como depósito de crianças. Esta

mudança ocorre com a publicação do primeiro manual para atendimento a crianças em creches. De acordo com as políticas educacionais de Educação Infantil (BRASIL, 2005, p. 7):

Pesquisas sobre desenvolvimento humano, formação da personalidade, construção da inteligência e aprendizagem nos primeiros anos de vida apontam para a importância e a necessidade do trabalho educacional nesta faixa etária. Da mesma forma, as pesquisas sobre produção das culturas infantis, história da infância brasileira e pedagogia da infância, realizadas nos últimos anos, demonstram a amplitude e a complexidade desse conhecimento. Novas temáticas provenientes do convívio da criança, sujeito de direitos, com seus pares, com crianças de outras idades e com adultos, profissionais distintos da família, apontam para outras áreas de investigação. Neste contexto, são reconhecidos a identidade e o papel dos profissionais da Educação Infantil, cuja atuação complementa o papel da família. A prática dos profissionais da Educação Infantil, aliada à pesquisa, vem construindo um conjunto de experiências capazes de sustentar um projeto pedagógico que atenda à especificidade da formação humana nessa fase da vida.

Um ano após as mudanças que ocorrem nas creches, é lançada pela LDB uma nova alteração na legislação a lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, na qual a Educação infantil passa a fazer parte do sistema educacional. Ela aponta o direito da criança de até seis anos, ao atendimento municipal em creches e pré-escolas e sua respectiva gratuidade. A lei determina que as crianças de zero a três anos não possuem obrigatoriedade de frequentar a educação infantil, porém, não quer dizer que seja de menor importância, pois a infância é um período de grandes transformações e acontecimentos importantíssimos na vida humana.

As práticas pedagógicas desenvolvidas na educação infantil devem constituir um patamar lúdico que valorize e enriqueça o desenvolvimento das crianças em todos os sentidos, auxiliando no seu desenvolvimento, sempre respeitando o tempo de aprendizado de cada educando no seu processo de ensino e aprendizagem. Uma das práticas mais utilizadas na educação infantil para o desenvolvimento da criança é o brincar, o qual possibilita formar novas descobertas, de relacionar-se consigo mesmo e com o mundo à sua volta, aprimorando novas formas de criar, trocar, sentir e significar. De acordo com Brougère (2010, p. 65):

O círculo humano e o ambiente formado pelos objetos contribui para a socialização da criança e isso através de múltiplas interações, dentre as quais algumas tomam a forma de brincadeira ou, pelo menos de um comportamento reconhecido como tal pelo adulto. Esse comportamento pode ser identificado como brincadeira na medida em que não se origina de nenhuma obrigação senão daquela que é livremente consentida, não precedendo buscar nenhum resultado além do prazer que a atividade proporciona. A brincadeira aparece como a atividade que permite à criança apropriação dos códigos culturais e seu papel de socialização foi, muitas vezes, destacado.

A brincadeira não deve ser considerada como algo sem um propósito ou até mesmo desnecessária, pois é brincando que o indivíduo começa a criar, compartilhar e conquistar. Há um movimento interdisciplinar que envolve a ludicidade (universo dos brinquedos, livros, músicas, desenhos, filmes, teatro etc...). Ela proporciona à criança aprender e se desenvolver, apropriar-se da cultura que a cerca de forma prazerosa, para que desperte o seu interesse. De acordo com Vygotsky (1989, p. 144):

O brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos, ensina-a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. [...] Uma criança não comporta de forma puramente simbólica no brinquedo; ao invés disso, ela quer e realiza seus desejos, permitindo que as categorias básicas da realidade passem através de sua experiência. A criança ao querer realiza seus desejos. Ao pensar, ela age. As ações internas ou externas são inseparáveis: a imaginação, a interpretação e a vontade são processos internos conduzidos pela ação externa.

De acordo com Teixeira (2010, p. 44), “brincar é fonte de lazer, mas é, simultaneamente, fonte de conhecimento; é esta dupla natureza que nos leva a considerar o brincar como parte integrante da atividade educativa”. Assim, pode-se considerar que o autor descreve o ato de brincar como duas concepções diferentes, nas quais ao mesmo tempo em que a criança está se divertindo, ela está produzindo conhecimentos.

A ludicidade não se limita somente aos jogos e às brincadeiras da infância, mas toda atividade livre que proporcione momentos de prazer acompanhados de aprendizagem. As atividades lúdicas ativam tanto a dimensão física, quanto a emocional da criança, movimento e sentimentos caminham juntos. Ao pensar do ponto de vista vygotskiano, a atividade lúdica tem um importante papel no processo de desenvolvimento e aprendizagem, desde que assumida como mediadora do processo educativo.

Na área da educação infantil o lúdico não é utilizado somente como uma atividade recreativa, mas como um recurso pedagógico para o processo de aprendizagem. Assim, torna-se fundamental que os educadores da educação infantil entendam que, no brincar, as crianças também aprendem e se desenvolvem. O educador possui a função de mediador no processo de desenvolvimento infantil e, a partir de jogo, músicas e brinquedos que já existem, ele pode criar novas brincadeiras que possibilitem a interação da criança com outros meios de culturais. A construção de novos brinquedos e brincadeiras com o auxílio das crianças possibilita a partilha de novos caminhos e projetos envolvendo o adulto e a criança, em um momento de enriquecimento e singular produção de subjetividade e construção do conhecimento. Assim, a brincadeira, além de proporcionar momentos de socialização entre outras crianças e adultos, também proporciona momentos de relação com a cultura e as práticas sociais. De acordo com Borba (2007, p. 35):

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos. Tal concepção se afasta da visão predominante da brincadeira com atividade restrita à assimilação de códigos e papéis sociais e culturais, cuja função principal seria facilitar o processo de socialização da criança e sua integração à sociedade. Ultrapassando essa ideia, o autor compreende que, se por um lado a criança de fato reproduz e representa o mundo por meio das situações criadas nas atividades de brincadeiras, por outro lado tal reprodução não se faz passivamente, mas mediante um processo ativo de reinterpretarão do mundo, que abre lugar para a invenção e a produção de novos significados, saberes e práticas.

Para a criação de novos significados a criança irá enfrentar situações-problema nas quais deverá analisar as possibilidades rapidamente, criando estratégias para atingir seus objetivos, bem como encontrar maneiras de dificultar as possibilidades positivas de seu oponente, características encontradas em jogos. O jogo tem como finalidade desenvolver na criança a ação de pensar, criar e conquistar, além das trocas de experiências com colegas.

Há diversos tipos de jogos, entre eles, o simbólico, que ocorre na idade de dois a seis anos, no qual o faz de conta entra em cena, como o objetivo de ser utilizado para representar situações não percebidas no momento. Nessa fase o lúdico tem como tendência o jogo de ficção ou imaginação e de imitação. De acordo com Kishimoto (2011, p. 12):

[...] é importante valorizar os jogos na educação, ou seja, brinquedos e brincadeiras como formas privilegiadas de desenvolvimento e apropriação do conhecimento pela criança e, portanto, instrumentos indispensáveis da prática pedagógica e componente relevante de propostas curriculares.

Com o jogo a criança começa a desenvolver uma visão mais aprofundada do meio em que está inserida, adquirindo noções de socialização, lealdade, senso crítico, e se descobre como um ser diferente dos outros. A realidade não pode ser separada do jogo, ela está presente em cada jogada, pois quem está jogando separa-se de suas experiências para entrar no mundo imaginário do jogo.

Os jogos e brincadeiras são fortes instrumentos com estratégia de aprendizado, porém, possuímos outros instrumentos lúdicos, entre eles a utilização de recursos musicais. De acordo com Brito (2003, p. 42) “Aproximando-se da etapa do jogo com regras, a música passa a ser também um vasto domínio para a sistematização e a organização de conhecimento”, ou seja, a música ajuda a criança a desvendar um novo mundo de sons e timbres diversificados, assim possibilitando que a construção do conhecimento ocorra em contextos significativos, que corroboram com momentos de criação, elaboração de hipóteses, questionamentos e experimentos.

A música colabora para a formação integral do indivíduo com ela a criança tem acesso ao mundo lúdico, sendo geralmente utilizada nas atividades dirigidas ou de recreação, auxiliando na formação da criança pequena onde a mesma precisa de movimento, variedades de atividades e energia. Segundo Brito (2003, p. 94), “a escolha do repertório de canções deve privilegiar a adequação da melodia, do ritmo, da letra e da extensão vocal, ou seja, a tessitura”. A música proporciona à criança um desenvolvimento motor, ajuda na aquisição da linguagem e auxilia na memorização e raciocínio.

3.3 A música na Educação Infantil

A música está presente há muito tempo no planeta, aparecendo em forma de vibrações sonoras, desde o barulho do mar até o som das folhas balançando. Antes de receber esse nome, era considerada como a forma que representava a magia das forças místicas. Os primeiros sons introduzidos pelo ser humano foram desenvolvidos na pré-história, com a criação de baquetas usadas para gerar melodias até mesmo a criação de instrumentos e a utilização da voz para reproduzir sons da natureza. Brito (2003, p. 17) descreve que “Os sons que nos cercam são expressões da vida, da energia, do universo em movimento e indicam situações, ambientes, paisagens sonoras: a natureza, os animais”. Assim, demonstra que o ser humano, através da música, integra sua presença ao ecossistema do planeta.

Na Grécia antiga a música começa a ganhar ênfase, sendo utilizada para se aproximarem dos deuses. Muitas vezes foi incorporada ao teatro e à dança, representando tragédias gregas, ao som da lira. É importante ressaltar que nesta época surgiu Pitágoras, o qual descobriu as notas e os intervalos musicais, com a ajuda da matemática. Sua história é descrita em uma das suas versões mais conhecidas pelo Pato Donald no mundo da matemática, demonstrando sua importância para a música de forma lúdica e divertida para as crianças.

Em Roma, por outro lado, a música era utilizada no campo de batalha para sinalizar ações dos soldados e tropas e também para cantar hinos às vitórias conquistadas. Ainda possuía finalidade religiosa, sendo empregada em rituais e cultos, como no Egito, onde servia como ligação para se comunicar com os deuses. Já na Idade Média, com a forte influência exercida pela Igreja Católica, a música começa a tomar outro rumo, surgindo os trovadores e menestrelis. De acordo com Veronezzi (2011, p. 2),

Troveiros e “menestrelis” (era um tipo de poeta que recitava poemas divertidos, contava histórias e anedotas sobre eventos históricos reais ou imaginários. Geralmente, ia de cidade em cidade, com sua trupe circense, levando alegria por onde passava. Embora esses menestrelis criassem suas próprias histórias, frequentemente memorizavam e florevam obras de outros. Geralmente eram pessoas do povo, chamadas de plebeus.) que, de instrumento às costas, levaram às urbes e às cortes as cantigas de amigo (é uma cantiga breve e singela posta na boca de uma mulher apaixonada), de amor (são cantigas onde o cavaleiro se dirige à sua amada impossível).

No Renascimento, a música começa a tomar outras direções, deixando de ser somente religiosa e começando a ser trabalhada em várias melodias. No período Barroco a música é cercada pelo brilhantismo e imponência, marcada pelo surgimento das óperas e dos oratórios. No romantismo a música passa a se preocupar em transmitir sentidos e emoções. A música toma sua forma de diferentes maneiras, se reinventa através da época e da cultura que está inserida, valoriza e incorpora diferentes timbres e melodias. De acordo com Brito (2003, p. 25):

Existem muitas teorias sobre a origem e a presença da música na cultura humana. A linguagem musical tem sido interpretada, entendida e definida de várias maneiras, em cada época e cultura, em sintonia com o modo de pensar, com os valores e as concepções estéticas vigentes.

No século XX a música chega ao seu auge, criando uma verdadeira evolução, provocando mudanças que continuam ocorrendo até os dias atuais em todos os gêneros e estilos. Foi um momento de inovações,

criações, novidades, tendências, quando gêneros musicais apareceram, impulsionado pelo surgimento das TICs, em forma de rádio e pelo surgimento de tecnologias para gravar, reproduzir e distribuir essa arte. A música cria uma explosão de ritmos, tendência e gêneros, provocando o interesse por novos sons, instrumentos e objetos, os quais propiciariam possibilidades de enriquecer uma composição. Neste sentido, afirma Brito (2003, p. 28) que “O século XX marcou o início de uma etapa que a opera com todo e qualquer tipo de sons, até mesmo ruídos.

Com o seu avanço, a música ganha um novo significado, o qual passa a atuar também na educação, ajudando no ensino e aprendizagem das crianças, por incentivar a cooperação, socialização e a participação. Dessa forma, destroem-se as barreiras que atravancavam o desenvolvimento curricular do ensino. De acordo o art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte: a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular. Para a utilização da música no âmbito escolar o professor deve sempre inovar nas metodologias empregadas, buscando provocar a curiosidade dos educandos. De acordo com Brito (2003, p. 11):

O educador ou educadora deve buscar dentro de si as marcas e lembranças da infância, tentando recuperar jogos, brinquedos e canções presentes no brincar. Também deve pesquisar na comunidade e com as pessoas mais velhas as tradições do brincar infantil, desenvolvendo-as as nossas crianças, pois elas têm importância fundamental para seu crescimento sadio e harmonioso.

A criança com um ser brincante, descobre a música, transforma e reinventa. A autora Brito (2003, p. 41), destaca que “o modo como as crianças percebem, apreendem e se relacionam com os sons, no tempo-espaço [...] relacionam com o mundo que vêm explorando e descobrindo a cada dia”. Assim, as questões que envolvem a musicalidade não podem ser avaliadas como certas ou erradas, pois a crianças estão explorando diversos sons, não procurando alcançar notas e timbres.

A criança menor de seis anos, ao desenvolver ou ao escutar uma música procura simbolizar diretamente uma cena, não está preocupada com sua organização, diferentemente de um adulto. A pesquisa realizada por Delalande (1984) demonstra que as condutas da produção sonoras criada pela criança, ajudam o educador a caracterizá-las, pois cada indivíduo é único e possui o seu próprio caminho no sentido da construção do conhecimento.

A música transforma o indivíduo em um ser mais sensível e receptível ao sons, desenvolvendo uma ligação com o mundo musical já existente dentro dele, fazendo com que ocorra uma apreciação afetiva. Assim, proporciona a apreciação criativa dos sons que estão a sua volta. De com o RCNEI:

O ambiente sonoro, assim como presença da música em diferentes e variadas situações do cotidiano fazem com que os bebês, e crianças iniciem seu processo de musicalização de forma intuitiva. Adultos cantam melodias curtas, cantigas de ninar, fazem brincadeiras cantadas, com rimas parlendas, reconhecendo o fascínio que tais jogos exercem (BRASIL, 1998, p. 51).

Na educação infantil brasileira, ao ser incorporada a música, inicialmente, era utilizada em forma de canções que tinham o propósito de ajudar na aquisição de conhecimentos gerais, para a criação de hábitos e atitudes. A autora Brito (2003, p. 51) diz que “Os cantos eram quase sempre acompanhados de gestos e movimentos que, pela repetição, tornavam-se mecânicos e estereotipados”. Assim, a música que tem o objetivo desenvolver o lado criativo, social e afetivo da criança, e acaba tornando-se algo repetitivo, sem motivação, com o intuito exclusivo de modelar o indivíduo, privando-o de pensar e executar seu planejamento.

Na década de 50 e 60, ocorreu o nascimento da Escola nova, no qual teve uma grande influência no ensino brasileiro. Esta escola defendia a arte como uma expressão livre, promovendo o ensino e aprendizagem, introduzindo mudanças nos termos errado e certo. Segundo Cavaliere (2001, p. 8):

As novas ideias em educação questionavam o enfoque pedagógico até então centrado na tradição, na cultura intelectual e abstrata, na autoridade, na obediência, no esforço e na concorrência. Para os reformistas, a educação deveria assumir-se como fator constituinte de um mundo moderno e democrático, em torno do progresso, da liberdade, da iniciativa, da autodisciplina, do interesse e da cooperação. As reformas nas instituições escolares visavam à retomada da unidade entre

aprendizagem e educação, rompida a partir do início da era moderna, pela própria escolarização, e buscavam religar a educação à vida.

Com a preocupação de desenvolver um ser cooperativo, crítico e social, a música passa a ser vista na educação infantil como uma proposta de incentivar a criatividade. Entretanto, como relata Brito (2003, p. 51) “de um lado, respeitar o processo criativo foi entendido como deixar fazer qualquer coisa”. A criança tem que desenvolver sua criatividade, porém o professor como mediador deve ajudar o educando, preparando atividades que o oportunizem a alcançar seus objetivos. De acordo com Montessori (s.d. p. 11):

A educação não é aquilo que o professor dá, mas é um processo natural que se desenvolve espontaneamente no indivíduo humano; que não se adquire ouvindo palavras, mas em virtude de experiências efetuadas no ambiente. A atribuição do professor não é a de falar, mas preparar e dispor uma série de motivos de atividade cultural num ambiente expressamente preparado.

Apesar dos métodos pedagógicos realizados na educação infantil terem redimensionado seus conceitos, abordagens e modos de atuação, através de novos paradigmas desenvolvidos sobre o ensino, a partir de diversas teorias e as pesquisas realizadas, o ensino da música no âmbito brasileiro é complexo. Brito (2003, p. 52) retrata que “é comum detectar a existência de certa defasagem entre o trabalho realizado na área de música e aquele efetivado nas demais áreas do conhecimento”. A música não se deve ser ensinada pelo manuseio técnico de um instrumento musical. Com o auxílio dela, a escola pretende criar um vínculo entre a música e a criança. E, ainda mais, desenvolver na criança o gosto pela música. De acordo com Brito (2003, p. 52):

Mas continuamos apenas cantando canções que já vêm prontas, tocando os instrumentos única e exclusivamente de acordo com as indicações prévias do professor, batendo o pulso, o ritmo, etc., quase sempre excluindo a interação com a linguagem musical, que se dá pela exploração, pela pesquisa e criação, ela interação de subjetivo e objetivo, de sujeito e objeto, pela elaboração de hipóteses e comparação de possibilidades, pela ampliação de recursos, respeitando as experiências prévias, a maturidade, a cultura do aluno, seus interesses e sua motivação interna e externa”.

A música deve ser vista de um novo ângulo na educação infantil brasileira repensando novos métodos que possam ajudar na construção na criança, onde a participação, construção, reflexão e apreciação, tomem o lugar de um ensino musical focado em formação de hábitos, atitudes e comportamentos. No trabalho musical a ser desenvolvido, o educador deve sempre se renovar, principalmente ter muita imaginação para diversificar e não criar rotinas. De acordo com Bueno (2011, p. 231):

Há várias formas de se trabalhar a música na escola, por exemplo, de forma lúdica e coletiva, utilizando jogos, brincadeiras de roda e confecção de instrumentos. A imaginação é uma grande aliada nesse quesito, lembrando que a musicalidade está dentro de cada pessoa.

Apesar de que nem todos os educadores possuam conhecimento especializado sobre a música, é interessante buscar conhecimentos e alternativas para a realização de atividades nas quais o educando possa participar e expor suas ideias. Assim, estará se expressando, socializando e interagindo. Weigel (1988, p. 12) ressalta que “por seu poder criador e libertador, a música torna-se um poderoso recurso educativo a ser utilizado na Pré-Escola.”

O ensino de música na educação infantil brasileira ainda precisa ser aprimorado, pois os primeiros contatos com a música que a criança tem, possibilitam que no futuro, desenvolva habilidades para aprender outras disciplinas, para interagir em grupo e também cria mais facilidades para resoluções de problemas diversos. Assim, torna-se um instrumento interdisciplinar que pode ensinar de uma forma lúdica, diversos conhecimentos de diferentes áreas. Acordo com Brito (2003, p. 53):

Mas nem tudo é negativo, felizmente. O ensino-aprendizagem na área de música vem recebendo influências das teorias cognitivas, em sintonia com procedimentos pedagógicos contemporâneos. Amplia-se o número de pesquisas sobre o pensamento e a ação musicais que podem orientar os educadores e gerar contextos significativos de ensino-aprendizagem, que respeitem o modo de perceber, senti e pensar de bebês e crianças.

A música possibilita descobertas e vivências na aprendizagem da criança, de forma lúdica e divertida. A música possui uma vasta diversidade de brinquedos, brincadeiras e outros, que possibilitam a variação nas atividades, oportunizando a interação “comigo e o outro”, gerando uma série de experiências que estão interligadas com o cotidiano do educando.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste tópico traremos os principais achados da pesquisa, examinando-os à luz da teoria.

4.1 A música como potencializadora de desenvolvimento cognitivo

Os tempos mudaram e a sociedade cada vez mais está se modificando, mas algumas tradições culturais permanecem. A música contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança, auxiliando no processo educativo de uma forma descontraída. Vygotsky (2002) demonstra a importância do ambiente para a interação do sujeito, proporcionando o desenvolvimento dos pensamentos, afirmando que o contato com a cultura que o rodeia é um elemento fundamental para o seu crescimento saudável.

Em nosso entendimento, ao trabalharmos com a música na educação infantil, ajudamos o educando a tornar-se um indivíduo social, intelectual, incentivando sua criatividade, possibilitando aprimorar suas habilidades. Nogueira (2003) retrata essa importância de acompanhar os seres humanos em praticamente todos os momentos em sua trajetória. A música, portanto, interliga os indivíduos e suas experiências musicais não devem ser ignoradas, mais compreendidas, analisadas e transformadas criticamente.

Bastian discute (2009 p. 41-42) “[...] que a música, a prática da música [...] podem estimular, em um mesmo processo de aprendizagem, as capacidades cognitivas, criativas, estéticas, sociais, emocionais e psicomotoras”. Assim, o autor representa a importância de os educadores desenvolverem suas propostas pedagógicas refletindo e observando as necessidades de cada educando. Dessa forma, compreendemos que ocorre o despertar do interesse dos pequenos para o aprendizado, utilizando recursos como a música para a contribuição na formação integral, possibilitando a formação crítica.

O intuito da música consiste colaborar no desenvolvimento dos alunos, sem exceção, não sendo uma atividade mecânica e pouco produtiva, mas sim um exercício planejado e contextualizado. Vygotsky, Luria, Leontiev (1994, p. 115), afirmam que “[...] uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem”. Assim, as atividades realizadas no cotidiano escolar são de extrema importância para a formação do educando, levando-o a desvendar e criar um novo paradigma sobre o mundo à sua volta.

4.2 A ludicidade na Educação Infantil: oportunidades de pesquisa e criatividade

Negrine (1997, p. 4) afirma que “[...] quando a criança chega na escola, traz consigo toda um pré-história, construída a partir de suas vivências, grande parte delas através de atividades lúdicas”. As músicas e as brincadeiras fazem parte do mundo infantil e isso ocorre a partir da imaginação das crianças. Tudo se torna brincadeira, assim, o educador pode utilizar o lúdico para aprimorar o aprendizado, de forma que venha a despertar nas crianças o interesse e o prazer pela descoberta.

Neste sentido, estamos de acordo com autores como Demo (2011) e Teca de Alencar (2003) quando estes referem que é possível educar por intermédio da pesquisa. Dessa forma, é necessário que se use um dispositivo para despertar a curiosidade e chamar a atenção à descoberta e criatividade, e a ludicidade se apresenta como um recurso comprovadamente adequado na Educação Infantil.

Vygotsky (1991, p. 97) destaca que “as atividades lúdicas são fontes de desenvolvimento proximal, pois a criança quando brinca demonstra e assume um comportamento mais desenvolvido do que aquele que tem na vida real, envolvendo-se por inteiro na brincadeira”. Dessa forma, por meio do lúdico a criança desenvolve a criatividade, estimula a comunicação mais efetivamente entre os educandos, direcionando-os para a descoberta de novos saberes e sentimentos que estão interligados com o “eu” e com o “outro”.

4.3 A musicalização no processo de ensino e aprendizagem: possibilidades à construção de habilidades, hipóteses e conceitos

A educação Infantil contribui para a formação do educando, pois este está em constante construção dos conhecimentos. As músicas e as atividades lúdicas possibilitam à criança recriar situações vivenciadas no seu cotidiano, por intermédio do faz-de-conta e a imaginação. Chateau (1987, p. 14) descreve que “uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar”. Assim, nos colocamos de acordo com o autor, no sentido de que a música age como um complemento, que ajuda a criança a expressar-se no seu dia a dia, já que a musicalização está ligada ao movimento, o qual proporciona o desenvolvimento da expressão corporal, da concentração, da disciplina e da atenção.

Através das brincadeiras e músicas se estabelecem as relações entre as crianças. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 49), aponta que “a linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social”. Como podemos perceber, a referida normativa demonstra a importância da música no âmbito escolar, como facilitadora da interação social.

Percebe-se, portanto, que habilidades, hipóteses e conceitos podem ser estimulados e inclusive elaborados por meio da musicalização. As atitudes, contemplando a (des)construção de (pré)conceitos podem ser contempladas por meio da música de forma eficiente, de acordo com os achados da presente pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou perceber a importância da musicalização e da ludicidade como aliadas ao trabalho pedagógico a ser desenvolvido na Educação Infantil, por possibilitarem momentos de socialização, criatividade e curiosidade. Por meio da música o ser humano consegue transmitir seus sentimentos e emoções mais profundas, canalizando as alegrias e tristezas, muitas vezes expressas no cotidiano com maior dificuldade.

É importante frisar a indispensável participação ativa das crianças nos processos de ensino e de aprendizagem. Por meio da interação nas brincadeiras elas aprendem e assim aprimoram o seu desenvolvimento cognitivo. Trabalhando com o lúdico e a musicalização na Educação infantil, o professor auxilia diretamente na construção de um conhecimento significativo e norteador, já que há a (des)construção de hipóteses e inclusive de (pré)conceitos.

A música pode ainda ajudar a criança a obter uma interação com a geração anterior a ela, conectando-a com o mundo adulto dos pais, avós, familiares e toda a sociedade. De forma, torna o ambiente escolar mais alegre e, conseqüentemente, mais agradável. Podemos utilizar a musicalização com diversas finalidades, tanto para um momento de relaxamento ou em atividades mais agitadas.

A elaboração do artigo em questão teve como finalidade propiciar um novo olhar sobre a utilização de meios lúdicos, como a música, para a verdadeira construção de conhecimento do educando, no qual não visamos

somente a utilização de meios concretos, como a lousa para a ampliação do cognitivo. Ela permite um trabalho que transcende a concretude e que mobiliza habilidades abstratas como as atitudes e os sentimentos.

A música está presente desde os primores da humanidade vem, cada vez, mais adquirindo espaço na sociedade, fazendo parte do contexto dos educandos. Portanto, seu uso proporciona um vasto leque de propostas pedagógicas que colaboram para o planejamento e desenvolvimento de uma aula estimulante e desafiadora. Nesta proposta, a criança poderá utilizar seus conhecimentos para conseguir desenvolver as atividades propostas por meio da interação social e da ludicidade.

REFERÊNCIAS

BASTIAN, H. G. **Música na escola: contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BISSOLI, M. de F. Educação e Desenvolvimento da personalidade da criança: contribuições da Teoria Histórico-Cultural. 2005. 281f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, SP, 2005.

BORBA, Â. M. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: Brasil. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006. p. 33-45.

BUENO, R. **Pedagogia da Música**-Volume 1. Jundiaí: Keyboard, 2011.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. _ Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação**/ Ministério da Educação, Secretaria da Educação Infantil._ Brasília: MEC.

BRITO, T. A. de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CAVALIERE, A. M. Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 247-270, dez. 2002.

Creswell, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** / John W. Creswell ; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

CHATEU, J. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus. 1987.

DELALANDE, F. **La musique est un jeu d' enfant**. Paris: Éditions Buchet/chastel, 1984.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JÚNIOR, A. S. S. A Ludicidade no primeiro segmento do Ensino Fundamental. IX EnFEFE – Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, 2005.

KISHIMOTO, M. T. **Jogos, Brinquedos e a Educação** (Org). 14. Ed-São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia Fundamentos e Recursos Básicos**. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1994.

MONTESSORI, M. **Mente absorvente**. Rio de Janeiro, Portugália Editora (Brasil), s.d.

- MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- NEGRINE, A. A aprendizagem e desenvolvimento Infantil a partir da perspectiva lúdica. **Revista Perfil**, Porto Alegre, v. 1, p. 4-12, 1997.
- NOGUEIRA, M. A. A música e o desenvolvimento da criança. **Revista da UFG**. v. 5, n.2, dez 2003.
- OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.
- PAULA, N. M. de. Crianças pequenas – dois anos- no ciberespaço: interatividade possível? 244f. 2009. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- PEDRO, D. E. M. O. **Educar pela pesquisa**. Campinas SP: Autores associados, 2011.
- SIQUEIRA, M. A. da S. **Monografias e teses: das normas técnicas ao projeto de pesquisa: teoria e prática**. Brasília: Editora Consulex, 2005.
- TEXEIRA, C. E. J. **A Ludicidade na Escola**. São Paulo: Loyola, 1995.
- TEIXEIRA, S. R. de O. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Wak, 2010.
- VERONEZZI, T. **A música na Idade Média**. Apostila da Arte. Disponível em: <<http://pessoal.educacional.com.br/up/4380001/10630384/M3-%20Apostila%20de%20Arte%20-%20parte%20II.pdf>>. Acessado em: 28 de Maio de 2018.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5. ed. São Paulo: Ícone, 1994.
- VYGOTSKY, L. S.; COLE, M. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.